

# Plutarco entre mundos

## visões de Esparta, Atenas e Roma

**Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão,  
Maria Aparecida de Oliveira Silva  
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# O JOVEM TESEU: DO RECONHECIMENTO PATERNO AO RECONHECIMENTO POLÍTICO. (Young Theseus: from paternal recognition to political recognition)

LORAIN OLIVEIRA (loraineoliveira13@gmail.com)  
Universidade de Brasília

RESUMO – Este artigo discute os caminhos percorridos por Teseu, na *Vida de Teseu*, de Plutarco, da adolescência até a idade adulta, em busca do reconhecimento paterno, e conseqüentemente, do reconhecimento político. Assim, começa problematizando a interpretação de um oráculo feita por Piteu, avô materno de Teseu, que determina as circunstâncias do nascimento do herói. A seguir, analisa o poder e o conhecimento adquiridos por Teseu ao longo do percurso terrestre, de Trezena a Atenas, e depois, na luta contra o Minotauro, em Creta. Finalmente, mostra como Teseu institui a democracia ateniense, relacionando isso aos caminhos por ele percorridos.

PALAVRAS CHAVE – Plutarco, Teseu, reconhecimento paterno, poder, conhecimento, democracia.

ABSTRACT – This paper discusses the paths taken by Theseus in Plutarch's *Life of Theseus*, from adolescence to adulthood, searching for paternal recognition and, consequently, political recognition. It starts by questioning the interpretation of an oracle by Pitheus, Theseus' maternal grandfather, which determines the circumstances of the hero's birth. Then, it analyzes the power and knowledge acquired by Theseus in his terrestrial journey from Troezen to Athens and, afterwards, in his fight against the Minotaur in Crete. Finally, the paper shows how Theseus instituted the Athenian democracy relating this to the paths he had taken earlier on.

KEYWORDS – Plutarch, Theseus, paternal recognition, power, knowledge, democracy.

Na *Vida de Teseu*, de Plutarco, vinte e quatro capítulos dentre trinta e seis, são dedicados à juventude de Teseu, até o momento em que, adulto, ele se torna governante e institui o sinecismo em Atenas. Mas e os dois terços da narrativa que precedem a este momento? De que fala Plutarco nesta larga parte da *Vida de Teseu*? Com efeito, Plutarco dedica-se a narrar os fatos que, do nascimento até a entrada na idade adulta, formam Teseu, o tornando o herói arrojado que dá continuidade aos feitos de Hércules, reconhecido como o matador de monstros. Ao mesmo tempo, ele mostra que Teseu é astuto e inteligente para afrontar Medeia e os Palântidas e congregar os áticos. O que move Teseu neste período da sua vida é a busca pelo reconhecimento paterno: ele deve procurar o pai, Egeu, rei de Atenas. Porém, ele não quer reivindicar seus direitos de herdeiro apenas se servindo dos símbolos de reconhecimento deixados pelo gerador para a mãe, Etra, entregar ao filho. Ele quer merecê-los por sua bravura. Então Teseu precisa adquirir o poder, assim como o conhecimento necessário para realizar feitos heroicos, o que se dá

por meio de provas a que ele próprio, na maioria dos casos, se submete. Todavia, há algo fundamental que precisa ser compreendido: o impacto das palavras de um oráculo. Palavras enigmáticas, que marcam tanto as circunstâncias do nascimento do herói, quanto a necessidade do reconhecimento paterno em vários níveis, até que ele conquiste o reconhecimento político.

### 1. PITEU, INTÉRPRETE DO ORÁCULO QUE MARCA O NASCIMENTO DE TESEU

Egeu, o pai biológico de Teseu, rei de Atenas, não tinha filhos e ansiava por tê-los. Nas palavras de Plutarco: «Diz-se que Egeu, ansioso por ter descendência, recebeu da Pítia o famoso oráculo que o aconselhava a não ter relações com mulher alguma antes de chegar a Atenas» (*Ihes.* 3.5). Ora, dito assim, parece claro o significado do oráculo. Plutarco, todavia, o está interpretando. Pois de fato, a Egeu «não pareceram suficientemente claras estas palavras» (*Ihes.* 3.5). Acontece que Egeu dirigia-se para o norte, e tendo chegado às imediações de Trezena, sem saber ao certo o que as palavras da Pítia significavam, pediu ao rei daquela cidade, Piteu, que o ajudasse a interpretar o oráculo.

Piteu era reputado o homem mais sábio e mais douto da época, possuidor de dons divinatórios. Plutarco o compara em caráter e sabedoria a Hesíodo, especificamente no que concerne aos *Trabalhos e os Dias*<sup>1</sup>. Ora, isso parece indicar que Piteu era um homem justo. Com efeito, o que mais se pode depreender da relação com os *Trabalhos e os Dias*? Trata-se, em suma, de uma obra na qual o conflito privado é alargado às dimensões da justiça e da ordem universais, como diz Vernant (1979: 55). Nela, o poeta defende a boa *eris*, aquela que se dá pelo trabalho agrícola, não pela guerra, nem pela persuasão, que são ambas aspectos da má *eris*<sup>2</sup>. Em suma, seguindo ainda a análise de Vernant (1979: 55 *sq.*), do ponto de vista humano, há duas *eris*, uma boa e uma belicosa, a segunda apresentando dois aspectos. Este desdobramento da *eris* mostra que ela é consubstancial à vida humana, ambígua, cheia de contrastes, desdobrada em múltiplos aspectos. Indica também que a filha da Noite exerce todo o seu poder sobre

---

<sup>1</sup> «O caráter e o grau de sua sabedoria eram da mesma índole, ao que parece, do da sabedoria que Hesíodo manifestou e que o tornou famoso, sobretudo no que diz respeito às sentenças dos seus *Trabalhos*. Uma dessas sentenças, ao que se diz, é da autoria do próprio Piteu: seja dado ao teu amigo salário certo» (*Ihes.* 3.3-4). A sentença em questão parece aludir ao caráter justo de Piteu.

<sup>2</sup> «Não há origem única de Lutas, mas sobre a terra/ duas são! Uma louvaria quem a compreendesse,/ condenável a outra é; em ânimo diferem ambas./ Pois uma é guerra má e o combate amplia,/ funesta! Nenhum mortal a preza, mas por necessidade,/ pelos desígnios dos imortais, honram a grave Luta./ A outra nasceu primeiro da Noite Tenebrosa/ e a pôs o Cronida altirregente no éter,/ nas raízes da terra e para os homens ela é melhor./ Esta desperta até o indolente para o trabalho/». (Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, v. 11-20, tradução Lafer). No presente texto se usa *eris* em minúscula, não em referência ao nome divino, mas à luta, tanto entendida como labor, ou como disputa quotidiana, implicada aqui.

a vida dos homens, estando presente constantemente, tanto para o bem, como para o mal. Efetivamente a má *eris* tem uma dupla face: a guerra ao estrangeiro, e as discórdias internas à comunidade que se manifestam no uso da linguagem, na praça pública, através das astúcias do pensamento. Que se sirvam da força ou da palavra, as duas faces têm o mesmo objetivo: pôr a mão sobre o butim. Por outro lado, a boa *eris* surge de um acordo com a ordem Olímpia. Nascida antes da *eris* que preside as querelas, esta outra *eris* é o fundamento de toda a riqueza e de todo bem adquirido pelo trabalho. Ela desperta a humanidade para o trabalho, precisamente para o duro labor agrícola, que dará prosperidade. Ora, uma conjetura possível é que Piteu, associado aos *Trabalhos e os Dias*, é alguém conhecedor das duas *eris*, incluindo a dupla face da belicosa *eris*. Ora, isso pode servir para compreender o modo como Plutarco, através de um recurso narrativo retorcido, dá a entender que Piteu tramou para que Egeu lhe desse um neto, instigando-o a executar deliberadamente ao contrário as palavras do oráculo. Esta parece ser justamente a *eris* retórica. Mas Plutarco não é claro, até mesmo porque elogia o caráter de Piteu, como será visto a seguir. Além disso, nota-se que Piteu não dá a interpretação do oráculo; ele apenas oferece a solução.

Com efeito, Piteu induz Egeu a unir-se a Etra, sua jovem filha, sem que Egeu saiba de quem se trata. Consumada a união, Egeu descobre quem é Etra e suspeita que ela possa estar grávida. Deixa-lhe então as sandálias e a espada, ocultas debaixo de uma pedra, recomendando que caso ela gerasse um filho deles, quando este chegasse a certa idade, se fosse capaz de erguer a pedra e recuperar os objetos ali guardados, os levasse à sua presença, às ocultas de toda gente. Egeu de fato temia os Palântidas, filhos do seu irmão Palante, que conspiravam contra ele (*Thest.* 3.6-7). Descobrimo que ele tinha um filho, poderiam tramar o assassinato do primo, a fim de garantir a posse do trono. Voltando à figura do avô, teria Plutarco imaginado que ao induzir a gravidez da filha, na verdade ele protegeria o neto, que então seria criado longe dos inimigos do pai? Ou, voltando à hipótese do uso da beligerante *eris*, que o avô na verdade apenas desejasse ampliar seus domínios, através da descendência da filha, que herdaria o trono de Atenas? Esta solução, todavia, é contrária ao significado do oráculo, pois o próprio Plutarco antes de anunciar o vaticínio, já forneceu a interpretação correta: Egeu não deveria ter relações com mulheres antes de chegar a Atenas. De modo que se assim for, Piteu induz Egeu a agir contra a vontade divina.

Não obstante, Plutarco esforça-se para pintar um retrato favorável de Piteu. Segundo ele, tanto Aristóteles como Eurípidés defendem a boa fama de Piteu (*Thest.* 3.3). Trata-se, portanto de um personagem reconhecidamente bom. Ele havia fundado Trezena, uma pequena cidade separada de Atenas pelo Golfo Sarónico ou Golfo de Egina. Piteu contava com tais atributos, então é natural que Egeu, confuso com as palavras do oráculo, o consultasse. A Pítia vaticinara: «Tu, que és o mais poderoso dos homens, não soltes o pé que te sai do odre antes de chegar a Atenas» (*Thest.* 3.5). Plutarco, que antes de mencionar as palavras do

oráculo, já expusera a sua interpretação, levanta então uma dúvida acerca daquela exegese que Piteu faz do mesmo vaticínio: «Não se sabe como Piteu terá entendido estas palavras, mas fosse pela persuasão, fosse pelo engano, levou Egeu a unir-se a Etra» (*Theb.* 3.5). O que terá Piteu dito a Egeu, nunca será conhecido. Mas é lícito indagar: como pode um homem sábio enganar-se? Talvez não se tenha enganado, mas sim tirado proveito da nesciência de Egeu. Então como é possível um homem de boa índole distorcer o sentido das palavras e levar Egeu a realizar exatamente o contrário do oráculo, que é bom lembrar, dizia que Egeu não deveria manter intercurso sexual com mulher alguma antes de retornar a Atenas? A estas duas questões, eis a resposta de Flacelière (1948: 74): Piteu compreendeu claramente as palavras do oráculo. A bem da verdade elas consistem em uma interdição divina. É plausível supor que a intenção segundo a qual Piteu leva Egeu a desobedecer a proibição dos deuses, seja a seguinte: pensando que o oráculo ameaçava Egeu de perecer cedo caso ele tivesse um filho contra a vontade divina, uma vez que o filho cedo reinaria, Piteu calculou que seria vantajoso para ele que este filho fosse seu neto. Esta interpretação reconduz à ideia de que Piteu se valeu de astúcia e persuasão em benefício próprio, ao invés de ter-se enganado<sup>3</sup>.

Deste modo, tem-se que o avô de Teseu decide sobre seu nascimento, e cria o neto sob sua proteção, divulgando que Etra dera à luz um filho de Poseidon, a quem a cidade de Trezena era consagrada (*Theb.* 6.1). Isso resulta do problema da interpretação de um oráculo. Ora, se o oráculo veicula a palavra divina, a ação contrária ao oráculo é uma ação de desobediência à divindade. É neste sentido que segue a interpretação de Flacelière (1948) mencionada pouco acima. O texto em que ele baseia a argumentação é, com efeito, *Comparação entre Teseu e Rômulo* 6.7: «O oráculo dado a Egeu, que o proibia de aproximar-se de uma mulher enquanto estivesse em terra estrangeira, parece demonstrar que o nascimento de Teseu se verificou contra os desígnios divinos». O que espanta Flacelière (1948: 72) com esta passagem, é que Plutarco tenta usar este nascimento contrário à vontade dos deuses para explicar os infortúnios privados de Etra e os públicos de Atenas. Mas em momento algum, segue o estudioso, Plutarco responsabiliza Egeu pela desobediência aos deuses. Ora, parece evidente que Egeu não é o responsável, porquanto ele não consegue interpretar sozinho o oráculo. Pode-se, contudo, considerar que a responsabilidade deve recair sobre o avô, Piteu, que, aliás, desaparece da narrativa logo que Teseu rumo a Atenas, já adolescente. Assim como cabe ao avô também a responsabilidade pela dupla paternidade de

---

<sup>3</sup> O que, por outro lado, incide em certo benefício para o próprio Teseu, como se pode ler a seguir: «sobre a educação de Teseu, pouco nos diz Plutarco. Apenas que esteve aos cuidados do avô paterno, Piteu, *sophotatos*, mas detentor de uma sabedoria prática que, certamente, não é alheia ao engenho com que persuadiu Egeu a aproximar-se de Etra, e que teria transmitido ao neto. Como *metis*, demonstrada nos feitos em Creta e mais própria do protótipo do herói iônico»; Fialho (2002) 73.

Teseu, ou, visto de outro ângulo, da dupla filiação bastarda. Piteu inventa que Teseu é filho de Poseidon, um pai divino. Mas ele havia promovido a paternidade biológica, oculta. Teseu então é duplamente bastardo do ponto de vista paterno<sup>4</sup>. A concepção do herói situa-se, portanto, fora da norma sob diferentes pontos de vista, dos quais cabe notar o jurídico, pois está fora dos laços legais do casamento, e o social, por situar-se fora dos valores recomendados à idade adulta. Nas palavras de Calame (1996: 70), não há nenhuma surpresa em encontrar a legitimidade no centro das provas que conduzirão o herói de Trezena a Atenas para confrontá-lo com seu pai humano.

## 2. O LONGO CAMINHO PARA O RECONHECIMENTO PATERNO

Teseu cresce em Trezena, sob a proteção do avô, tornando-se um jovem robusto. Seu nome remete ao problema do reconhecimento paterno: Teseu, segundo Plutarco, “se deve à forma como foram depositados os sinais de reconhecimento” (*Thes.* 4.1). O termo grego *thesis*, cujo genitivo é *theseos* significa ação de depositar, de colocar, o que resulta na tradução lusófona que se tem aqui. Mas não é só isso: *thesis* também significa ação de instituir, de estabelecer leis, impostos, concursos, e por consequência, é costume, convenção. Significa, ainda, propor uma tese, estabelecer um princípio, fazer uma afirmação. E, algo interessante para esta análise: adoção de uma criança, ou de um cidadão em um Estado estrangeiro. Atentando, portanto para a polissemia do termo, pode-se alargar o sentido do nome do herói: trata-se do modo como foram depositados, mas também convencionados, afirmados, estabelecidos os sinais de reconhecimento. A seguir, Plutarco alude ao outro significado do nome, indicando a adoção de Teseu pelo pai: «Outros afirmam que só mais tarde, em Atenas, ele recebeu o seu nome, quando Egeu o adotou (*themenou*) como filho» (*Thes.*4.1). Trata-se da adoção paterna, mas também, subliminarmente, da adoção de um estrangeiro, afinal Teseu atravessa um longo percurso de Trezena a Atenas, em busca do reconhecimento paterno. Esta trajetória se inicia marcada na narrativa pelo jogo etimológico do nome de Teseu, e pontuada por um fato fundamental: a revelação da verdade, pela mãe, seguida pela tomada dos objetos de reconhecimento.

Mas quando Teseu chegou à adolescência e revelou que, aliada a força física, possuía coragem e uma declarada nobreza de espírito, assim como inteligência e compreensão, então Etra conduziu-o até junto da rocha e, depois de lhe dar a

---

<sup>4</sup> Como observa Walker (1995) 84-85, esta ambiguidade da dupla paternidade diz respeito ao mito da autoctonia, que para a família, garantia legitimidade da herança na linha masculina, e para a cidade, preserva a crença na pureza do corpo do cidadão. Ou seja, quando a criança nasce no lar do pai, no solo, não restam dúvidas quanto à sua origem. Mas este mito mostra, justamente, que os gregos ficavam alarmados quando a paternidade de uma criança não podia ser identificada. Ora, a atribuição da paternidade de Teseu a Poseidon nega completamente a autoctonia.

conhecer a sua origem, ordenou-lhe que tomasse os sinais de identificação do pai e navegasse rumo a Atenas (*Ihes.* 6.2).

Nesta passagem, Plutarco fala do momento em que a mãe revela ao filho quem é seu pai biológico, e manda o jovem pegar os sinais de reconhecimento deixados pelo pai debaixo de uma rocha, uma espada e um par de sandálias<sup>5</sup>. Aqui Teseu cumpre a primeira prova que confirma sua competência: eleva a pedra e toma posse dos objetos. A espada e as sandálias, a bem dizer, são símbolos que vão estimular o cumprimento de uma nova performance, que realiza o significado indireto ao qual eles remetem, além do seu valor intrínseco: a legitimidade paterna (Calame 1996: 71).

Quanto aos símbolos propriamente falando, não há nada de surpreendente que um rei deixe a espada para seu filho. Mas por que deixar as sandálias? Plutarco não explica diretamente o significado disso, mas aponta para ele, quando menciona a escolha de Teseu: seguir por terra e não por mar até Atenas. Isso é problemático, primeiro, porque o jovem está decidido a não dar ouvidos à mãe, que como se viu, o aconselha a navegar<sup>6</sup>. Com efeito, a viagem marítima é mais segura, porquanto o caminho por terra está infestado de malfeitores e de monstros (*Ihes.* 6.3). A decisão de Teseu é importante, pois a viagem por terra adquire um significado simbólico que reforça o heroísmo e o valor de Teseu: trata-se de uma viagem de iniciação, na qual ele vai se tornar um herói excepcional, tanto pela força e coragem, como pela capacidade de livrar o mundo da desordem insuportável que causam os monstros<sup>7</sup>.

Heróis que matam monstros seguem o exemplo de Zeus, livrando o mundo da desordem, do ressurgimento das antigas forças do caos. Estes heróis combatem em nome da justiça (*dike*), e dentre eles encontram-se Teseu e Hércules. A primeira referência ao nome de Hércules na *Vida de Teseu* ocorre justamente nesta passagem, em que Plutarco explica porque o caminho terrestre para Atenas

---

<sup>5</sup> Ver *Ihes.* 5.6: «Egeu deixou a sua espada e as suas sandálias escondidas sob uma enorme pedra que possuía cavidade interior, com dimensão suficiente para abrigar estes objetos».

<sup>6</sup> De fato, mais adiante, mãe e avô lhe pedem para navegar (*Ihes.* 6.3).

<sup>7</sup> Ferry (2008) 226 observa que se trata de uma viagem de iniciação. Valem as palavras de Fialho (2002) 72-73: «Se a expedição a Creta pode, de facto, ser projeção de um ritual iniciático, centrífugo, a partir de Atenas, para depois à cidade regressar, na plena afirmação e pujança dos jovens, não me parece que o seja menos o caminho de Trezena até Atenas, do espaço da infância e da esfera materna até à presença paterna e ao reconhecimento. Caminho feito sem um nome assumido, como Plutarco assinala, em que várias provas se põem ao jovem, que com elas se confronta e as vence, para, finalmente, ostentar perante Egeu, numato público – o banquete –, a arma paterna, sinal que o levará a ser reconhecido, sem que ele necessite dar-se a conhecer». Por sua vez, Ampolo (1993) xxvi afirma que os múltiplos aspectos da figura de Teseu deram origem a múltiplas explicações, por exemplo, a de um herói jônico, ou de uma réplica de Hércules, dentre outras. A dimensão iniciática, ligada à passagem da adolescência à idade adulta, é uma delas. Aqui se propõe uma interpretação do herói iniciático, não sendo possível, dados os limites do estudo, analisar as demais interpretações.

estava crivado de monstros. Hércules havia combatido e eliminado diversos monstros, até cair em desgraça na Lídia, servindo de escravo a Ônfala. Ora, a Hélade fica então desprotegida com a partida de Hércules, e atos de violência proliferam sem que ninguém os reprima (*Thest.* 6.5-6). Acontece que, por um lado, Teseu vê em Hércules um modelo a seguir; o jovem deseja realizar feitos como os do herói (*Thest.* 6.8-9)<sup>8</sup>. Por outro lado, laços de parentesco unem um ao outro, uma vez que as mães de ambos eram primas (*Thest.* 7.1). Destarte, Teseu considera vergonhosa a ideia de se apresentar ao pai como quem foge dos perigos:

Parecia-lhe, então, indigno e intolerável que, enquanto Hércules andava a perseguir, por toda a parte, os malfeitores, a fim de expurgar a terra e o mar, ele mesmo evitasse os confrontos que se lhe podiam deparar no caminho e empreendesse viagem por mar, como quem foge, envergonhando, assim, aquele que, de acordo com o que se dizia e como que era voz corrente, era seu pai. E à presença do seu verdadeiro pai iria levar, como sinais de reconhecimento, umas sandálias e uma espada limpa de sangue, sem lhe apresentar, à partida, nem por atos nem por façanhas valorosas, sinais evidentes do seu nobre nascimento. Com esta disposição e estes pensamentos se pôs a caminho, no propósito de não cometer ofensas contra quem quer que fosse, mas de punir quem usasse de violência (*Thest.* 7.2-3).

E, de fato, o jovem Teseu segue por terra, enfrentando e matando seis monstros terríveis. A estratégia de Teseu nesses confrontos é infringir aos monstros o mesmo tipo de violência que eles usam em relação aos humanos. Dos capítulos oito a doze da *Vida de Teseu*, Plutarco descreve estas primeiras peripécias de Teseu<sup>9</sup>. Que conclusão Plutarco tira disso? Primeiro, ele recorda que Teseu age

---

<sup>8</sup> «Do pedagogo de Teseu Plutarco apenas refere o nome –Cónidas– e não o tipo de ação educativa. Ora o que verdadeiramente influenciou de modo determinante o jovem Teseu e modelou o seu desejo de ação foi o exemplo paradigmático de Hércules, transmitido em relatos que lhe suscitaram uma admiração inflamada»; Fialho (2002) 73.

<sup>9</sup> Em suma, o primeiro monstro enfrentado foi Perifetes, que usava uma clava. Teseu o eliminou e adotou a clava como insígnia bélica, do mesmo modo que Hércules se apropriara da pele do leão de Nemeia. O segundo foi Sínis, que curvava pinheiros. Plutarco não explica como Sínis matava, mas a maioria das fontes informa que ele atava os membros das vítimas a dois pinheiros que dobrava, depois soltava, provocando o desmembramento e a morte delas. Porém, Plutarco assevera que Teseu enfrentou Sínis com a coragem, que é superior ao treino ou à técnica, que neste caso, o mancebo não possuía (*Thest.* 8.3). Féa, a javalina, é a terceira oponente do jovem herói. Plutarco diz que em relação às feras Teseu agia movido pela convicção de que devia tomar a iniciativa de atacar, mesmo correndo risco de vida (*Thest.* 9.2). Então matou Esciron, o jogando do alto de um penhasco. Depois, Cércion, com o qual Plutarco só diz que houve uma luta. Finalmente, veio Damastes, ou Procustes, que segundo a tradição, possuía duas camas, uma pequena e outra grande. Ele forçava suas vítimas a deitarem no leito que não correspondia ao seu tamanho, assim, as grandes deitavam no pequeno, e as pequenas, no grande. Feito isso, ele mutilava as grandes, até ficarem do tamanho da cama, e golpeava as pequenas, até que seus corpos ocupassem o espaço do leito. Teseu o forçou a se moldar aos seus leitos, como ele fazia com os estrangeiros.

exatamente como Hércules, ou seja, recorrendo às mesmas técnicas do monstro (*Thes.* 11.2). Depois, ele explica que ao agir assim, Teseu reestabelece a justiça<sup>10</sup>. Com isso, ele estabelece um poder (*pouvoir faire*), ligado à virtude heroica, que tem por modelo direto Hércules (Calame 1996: 73), tornando-se ele próprio um herói.

Quando então chega a Atenas, Teseu está pronto para ser reconhecido como um herói justo. A situação política na cidade é confusa, e mesmo os interesses pessoais de Egeu encontram-se ameaçados. Medeia, tendo fugido de Corinto, promete a Egeu a cura da esterilidade e com isso, passa a viver com ele. Ao apresentar quem é Teseu, trama um ardil para matá-lo: persuade Egeu a oferecer-lhe um banquete, onde servirá uma taça de bebida envenenada (*Thes.* 13.3)<sup>11</sup>. Teseu não quer se identificar imediatamente, pois considera que deve «proporcionar a Egeu um motivo para o reconhecimento» (*Thes.* 12.4). Então ele pega a espada para cortar a carne que é servida, o que caracteriza uma astúcia, ou, dito de outro modo, o episódio revela que Teseu está adquirindo o conhecimento que também caracteriza um grande herói. Egeu, vendo a arma, reconhece o filho, e o livra da taça com veneno. Porém, isso não é tudo: ele ainda tem que enfrentar os seus cinquenta primos, os Palântidas, que evidentemente não entregarão de bom grado o trono a um bastardo, ou a um filho adotivo, que em suma, é um estrangeiro<sup>12</sup>.

Assim, embora tenha obtido o reconhecimento paterno, ainda falta obter a legitimidade política. Ocorre então um combate entre os primos adolescentes, nas proximidades da cidade. Note-se que há uma mudança nos territórios de combate, segundo a qual Teseu vai conquistando espaço: de Trezena até Atenas, ele mata os monstros, depois em Atenas, dentro do palácio de Egeu, ou seja, no espaço reservado ao exercício real, faz-se reconhecer e ao mesmo tempo, vence o ardil de Medeia, e agora a cena vai se passar em Gargeto, onde metade dos primos o esperam em emboscada. Mas Teseu é avisado por Leos, um arauto que

---

<sup>10</sup> «Assim eles eram alvo de justiça através dos processos pelos quais haviam praticado a injustiça» (*Thes.* 11.3).

<sup>11</sup> Segundo Walker (1995) 87, as duas frases sucessivas, que expressam o poder dos fármacos que as mulheres possuem, mostra que eles têm duas faces: de um lado podem ser necessários a um homem que deseja preservar sua família, e este é o motivo porque Medeia vai viver com Egeu. Por outro, os fármacos podem destruir completamente um homem e sua família, que é precisamente o que Medeia tenta fazer quando Teseu chega. É curioso notar, ainda, que há três ocasiões em que Plutarco narra tentativas de envenenamento nos banquetes, sendo duas fracassadas, a de Pírrro e Teseu, e só uma bem sucedida, a de Estatiro por Parisates. Um dos motivos que levam à tentativa de envenenamento em um ambiente de celebração e amizade é precisamente o medo da usurpação do poder. E isso tem relação com o fato dos assassinos em potencial serem adversários políticos das vítimas. Cf. Gonzales (2009) 259-260.

<sup>12</sup> «Até então os Palântidas nutriam a esperança de vir a ocupar o trono de Egeu, uma vez que este morresse sem descendência. Mas quando Teseu foi indigitado como sucessor, eles, que a custo suportavam o fato de Egeu governar, sendo filho adotivo de Pândion, sem qualquer laço de parentesco com os Erectidas e agora de Teseu vir a suceder-lhe como rei – mais uma vez um forasteiro, um estranho – avançaram para a guerra» (*Thes.* 13.1).

entre eles se encontrava, o que lhe permite matar a todos. Os outros vinte e cinco, que esperavam a vitória da emboscada junto com o pai, sabendo do fato, fogem. Finalmente, ele mata o touro de Maratona, que ameaçava a cidade, oferecendo-o em sacrifício a Apolo Delfínio<sup>13</sup>. Este episódio garante a legitimidade territorial não só sobre Atenas, mas também sobre a Tetrápole, que compreende as cidades de Maratona, Tricórito, Énoe e Probalinto (Leão & Fialho 2008: 55, n. 47).

Até aqui se tem uma história de feitos heroicos, em que Teseu cresce e vai conquistando espaço e respeito. Ele vai se definindo como um homem corajoso, capaz de fatos heroicos, um homem que restaura a justiça, e que finalmente, é piedoso em relação aos deuses. Ele obtém o reconhecimento paterno buscando provar seu valor, mas ainda precisa obter o reconhecimento político, para o qual uma última prova será necessária, prova na qual o estigma de bastardo será finalmente apagado. Prova esta, enfim, em que ele se definirá como adulto, como capaz de vencer outro rei, no seu território, o atingindo justamente naquilo que lhe confere poder. Trata-se de ida a Creta para combater o Minotauro<sup>14</sup>.

Todavia, antes de analisar o episódio cretense, é preciso tentar definir quanto tempo transcorreu, e qual a idade de Teseu até agora. Nas representações iconográficas da Ática, do final do viº século, e começo do vº, Teseu figura sem barba nos episódios da travessia do Peloponeso. Em Atenas ele aparece como um hoplita, já com uma barba. Já retornando de Creta, ele aparece como um homem adulto<sup>15</sup>. O que isto sugere? Teseu, como já se sabe, percorre um longo caminho para obter a legitimidade paterna, e este percurso terrestre equivale ao reconhecimento paterno e à passagem da adolescência para a idade adulta. Ao longo deste

---

<sup>13</sup> «Movido pelo desejo de realizar feitos e, ao mesmo tempo, de granjear popularidade, Teseu foi em perseguição do touro de Maratona que causou grandes prejuízos aos habitantes da Tetrápole. Dominou-o e exibiu-o, passeando-o vivo pela cidade, para em seguida o sacrificar a Apolo Delfínio» (*Ihes.* 14.1). Matando o touro de Maratona, Teseu não somente dá provas das suas boas disposições com respeito ao *demós* e de sua piedade em relação a Apolo Delfínio; ele também se mostra capaz de substituir senão a geração dos seus pais, ao menos aquela dos seus avós, e assim ele intervém no quadro de um culto a Zeus, o mestre da organização cívica e da ordem do mundo. Cf. Calame (1996) 76.

<sup>14</sup> A luta com o Minotauro é o episódio mais popular do mito de Teseu, e também o mais antigo conhecido. Representações visuais do Minotauro, retratado como um homem com cabeça taurina, remontam ao século viii e pode ser que antecedam Homero. Mas não é possível dizer, a partir destas imagens fragmentárias, se alguém luta com o monstro. Ou seja, há um Minotauro, mas não há sinal de Teseu. A primeira representação clara da luta entre Teseu e o Minotauro, com jovens meninos e meninas olhando, e Ariadne segurando o fio que os ajuda a sair do labirinto, remonta a cerca de 670–660 a. C. Em todo caso, a história de Teseu e o Minotauro está bem estabelecida porem meados do século vii na arte, quando aparece em uma ânfora cicládica do séc. vii a. C. A primeira referência literária ocorre em Safo, que menciona as quatorze vítimas do Minotauro em um poema perdido, vid. Walker (1995) 16.

<sup>15</sup> Quanto às fontes iconográficas, podem ser consultados, entre outros, Calame (1996) 187 *sq.*, que tenta organizar as idades de Teseu, relacionando fontes literárias e iconográficas, e o capítulo sobre Teseu de Gantz (2004) 491 *sq.*, que menciona diversas fontes iconográficas, o que é bastante interessante, mas não segue a narrativa de Plutarco.

caminho, Teseu precisa provar que possui tanto poder (*pouvoir faire*), quanto conhecimento (*savoir faire*) (Calame 1996: 78). Dito de outro modo, Teseu precisa provar que pode fazer, por virtudes ligadas à figura heroica, como a coragem, a valentia e a força, e que sabe fazer, servindo-se de astúcia, notadamente como estratégia para derrotar os monstros e os demais inimigos. Deste modo, até aqui, Teseu define suas competências como herói capaz de afrontar uma última prova antes de conquistar o poder político de Atenas.

### 3. O COMBATE COM O MINOTAURO

Conforme Plutarco, o episódio envolvendo o combate com o Minotauro, em suma, consiste no seguinte: Andrógeo, filho de Minos e de Pasífae foi morto na Ática, e por isso Minos deflagrou uma guerra e os deuses provocaram a ruína da região. Até que a divindade ordenou-lhes a reconciliação, e disso resultou um tratado, segundo o qual a cada nove anos sete mancebos e sete donzelas deveriam ser enviados a Creta, como um tributo pela morte do filho do rei. Lá chegando, eram mortos pelo Minotauro, no Labirinto (*Thees.* 15.1-2)<sup>16</sup>. Ao chegar o momento de enviar o terceiro tributo, eis que os cidadãos se revoltam contra Egeu, o responsável por tudo, e o único a não ser afetado. “Pelo contrário: depois de ter dado o poder a um filho bastardo, um forasteiro, não se preocupou ao vê-los privados de filhos legítimos e sem descendência” (*Thees.* 17.1). Teseu se vê aflito, e entende que não é justo se omitir, então decide se oferecer espontaneamente, embarcando para Creta junto com os outros adolescentes sorteados (*Thees.* 17.2)<sup>17</sup>.

O que se pode depreender deste episódio? Em primeiro lugar, é mister compreender as genealogias envolvidas. Minos, o rei de Creta, é dado como filho de Europa e Zeus, mas foi criado por Astérion, que não teve filhos. Casou-se com Europa, neta ou bisneta de Poseidon, que com Zeus metamorfoseado em touro, teve Minos, Sarpedon e Radamanto, os três adotados e educados por Astérion. Portanto aqui novamente tem-se uma relação de paternidade dupla, na qual Minos figura como adotado por um humano, e bastardo de um deus. Na qualidade de filho de Zeus, Minos aparece em inúmeras versões do mito como um governante justo e brando, um legislador excelente, inspirado diretamente por Zeus, que civilizou os cretenses. Conta-se que a cada nove anos, Minos reunia-se

---

<sup>16</sup> «O Minotauro parece ter sido percebido pelos atenienses do quinto século como um homem selvagem, acima de tudo, comparável aos outros homens selvagens adversários de Teseu, mas ainda mais selvagem que eles; sua animalidade era a expressão visível, e ao mesmo tempo a causa, desta maior selvageria»; Survinou-Inwood (1994) 232. Ele é um híbrido, um ser teriomorfo, isto é, que possui a aparência de uma fera, com cabeça de touro e corpo humano.

<sup>17</sup> Nas palavras de Fialho (2002) 75: «Teseu, num impulso de generosidade, oferece-se para integrar o grupo de reféns destinado a Minos. O que suscita, por seu turno, a admiração dos atenienses pela sua grandeza de alma (*phronema*) e pela sua devoção ao povo (*demotikon*)».

com Zeus em sua caverna, no Ida<sup>18</sup>. Todavia existem versões do mito, em que ele não é propriamente um soberano justo, mas sim cruel. E isso se liga ao papel do Minotauro, um ser teriomorfo, que representa a desordem no interior do reino e, ao mesmo tempo, a necessidade de um elemento ameaçador, capaz de garantir a soberania de Minos.

Minotauro é o nome dado a outra personagem de nome Astérion, filho de Pasífae e de um touro enviado por Poseidon a Minos. Note-se que ele tem o mesmo nome do pai humano e adotivo de Minos, e é filho bastardo da esposa do rei com um animal não humano, e não com um deus disfarçado de animal, como nas metamorfoses de Zeus. O touro, pai de Minotauro, foi enviado para legitimar o poder de Minos, que querendo tomar sozinho o poder de Creta, diz aos irmãos que os deuses lhe destinaram o reino. Para provar isso, oferece um sacrifício a Poseidon e lhe pede que faça sair do mar um touro, que deveria ser em seguida sacrificado ao deus. Poseidon envia o touro, que garante a Minos o poder sem nenhuma contestação. Acontece que Minos vê no touro um belo animal, e decide conservá-lo, ao invés de cumprir o sacrifício. Então Poseidon enfurecido, vingá-se, infundido uma paixão pelo touro na esposa de Minos. De modo que o filho desta união é, a bem da verdade, o signo visível da impiedade de Minos e do mal estado do reino, ao mesmo tempo em que ele se torna um dos instrumentos através dos quais Minos exerce seu poder injusto e tirânico (Survinou-Inwood 1994: 235).

Assim Pasífae dá à luz ao ser híbrido, meio touro, meio humano, que será encarcerado no labirinto, construído por Dédalo. Embora Plutarco não se detenha na figura do arquiteto, é interessante notar que Dédalo, exilado, é acolhido em Creta por Minos, onde exerce a função de arquiteto e escultor real. Colabora para a consumação dos amores de Pasífae e o touro, construído para a rainha uma vaca de madeira, onde ela entra, a fim de copular com o touro. A sexualidade de Pasífae corresponde à realeza de Minos por duas associações espelhadas. 1. Tomada por um desejo selvagem, e disfarçada de vaca, Pasífae se entrega a amores com um touro; é o reflexo especular da relação de Europa e de Zeus, metamorfoseado em touro. Aqui, portanto, a geração de Minos e Minotauro se assemelham. 2. De um lado, Astérion cria Minos e seus irmãos; de outro, Minos encarcera o filho da sua esposa, de modo a fazê-lo garantir seu poder. Aqui novamente entra em cena Dédalo, que a pedido de Minos, constrói o labirinto onde o Minotauro é aprisionado. Por que ele precisa ser preso? Nas palavras de Detienne (1983: 544), o híbrido de animal humano e de homem bestial precisa ser escondido, dissimulando a loucura e a violência que o tornam estrangeiro no palácio real. Dito de outro modo,

---

<sup>18</sup> Uma versão mais tardia do mito de Minos legislador, aparece em Plotino, *Enéada* VI, 9 (9) 7, 23-26. Sobre os dois aspectos da figura de Minos, o legislador justo e o tirânico, ver Flacelière (1948) 77 *sq.*

O Minotauro é, assim, uma versão polarizada do filho bastardo, nascido em uma casa à qual ele não pertence. Nos mitos gregos, os monstros e os homens selvagens pertencem habitualmente aos espaços exteriores selvagens. O Minotauro pertence a um espaço selvagem no interior de um prédio; este espaço selvagem interior é aqui uma representação metafórica do interior da casa corrompida, cuja desordem é representada pelo Minotauro (Survinou-Inwood 1994: 233).

Então Teseu entra em cena. Aporta em Creta disposto a pôr fim ao Minotauro. De chegada, Ariadne, filha de Minos e Pasífae, tomada de amores por Teseu, entrega a ele um novelo, informando como ele pode percorrer os meandros do labirinto e matar o monstro que lá habita (*Thes.* 19.1). Seguindo as análises de Detienne (1983: 549 *sq*), o fio de Ariadne permite atravessar um espaço sem referências aparentes, sem direção fixa, onde cada saída que parece se abrir revela uma aporia insolúvel e um nó inextrincável. O fio de Ariadne traça a solução da aporia do labirinto. Sem este fio, Teseu não teria encontrado a saída. É o elemento crucial desta parte da narrativa. Como se Teseu tivesse agora outra iniciação, não mais pelo espaço externo que vai de cidade em cidade, por terra e por mar, ou pelo espaço interno do palácio ateniense, mas pelo espaço arquitetado que reflete uma inteligência conceitual: o labirinto é um caminho cheio de desvios, construído em torno do Minotauro, mas é igualmente, metáfora para um modelo intelectual que aparece em Platão: um modo de aporia no percurso dialético. No *Eutidemo* (291b) quando cada uma das ciências se mostra inapreensível no momento exato em que se está a ponto de apreendê-las, é como se caíssemos em um labirinto; pensando já ter atingido o acme da pesquisa, nos encontramos no início, após ter feito um desvio sobre nós mesmos.

Esta ideia de desvio sobre si mesmo parece estar na base da prova do Minotauro: ao percorrer o labirinto e matá-lo, é como se Teseu percorresse a si mesmo, à sua busca pelo reconhecimento paterno e o reconhecimento político. Teseu combate não apenas o híbrido taurino, mas o próprio poder real do seu oponente antitético, Minos. Teseu se sai vitorioso sobre a paternidade de Minos, que agora está privado de descendentes machos (Calame 1996: 195). Além disso, como já se pontuou, ele vence um filho de deus. E com esta tripla vitória, sobre o Minotauro enquanto tal, sobre ele enquanto símbolo do poder de Minos, e sobre o próprio Minos, Teseu legitima assim sua paternidade real e está pronto para obter o reconhecimento político. Seguindo mais uma vez Calame, pode-se afirmar que Teseu cumpre, desta maneira, um longo percurso para ser reconhecido em uma legitimidade paterna nublada por relações familiares fora da norma. Resta unir o problema da legitimidade paterna com o projeto político que Teseu levará a cabo. União adúltera de zoofilia, o bastardo do labirinto consolidava o poder tirânico de Minos. Esta interpretação do episódio revela, finalmente a derrota da monarquia, representada por Minos, e a tonalidade inédita que Teseu dará ao seu governo, a democracia, em oposição ao tipo de poder de Minos.

#### 4. O COMEÇO DA VIDA ADULTA: O PROJETO DEMOCRÁTICO

Teseu retorna a Atenas por mar, do mesmo modo como foi para Creta. Ele é agora um adulto, no lugar do adolescente que partiu para aquela ilha. Traz consigo os adolescentes que foram com ele, e Ariadne, a filha de Minos que lhe deu o saber necessário para derrotar o Minotauro<sup>19</sup>. Ele é também um herói temido e respeitado, que provou, ao longo do percurso que o conduziu até Atenas e de lá para Creta, sua força. Mas um infortúnio ainda está por vir. Na partida para Creta, Egeu pede a Teseu que, caso retorne com vida, troque a vela negra da nau por uma branca. Ocorre que Teseu e o piloto esquecem de trocar a vela, e Egeu, desesperado, se joga do alto de um rochedo, morrendo (*Thest.* 22.1)<sup>20</sup>. Herdeiro legítimo do trono de Atenas, Teseu agora recebe o poder.

Ao assumir o governo ele concebe “um magnífico e admirável projeto: congregou os habitantes da Ática numa só cidade e declarou um único estado, correspondente a um só povo” (*Thest.* 24.1). A isto se chama sinecismo, ou dito de outro modo, “congregação”. Como notam Leão e Fialho (*in*: Plutarco, 2008: 12):

Teseu congregou (*synoikise*) Atenas, enquanto Rómulo fundou, construiu (*ekti-se*) Roma. O verbo *ktizo* traduz uma ação de alcance bem mais profundo que o primeiro termo, pois é criação a partir do nada, lançar de fundamentos. Implica, também, uma concepção prévia de conjunto e a sua realização, com uma solidez que é garantia de estabilidade e perdurabilidade. *Synoikizo*, por seu turno, supõe reconversão, abandono do espaço ou hábitos de origem e criação de um espaço e normas comuns.

O que precisamente isso significa? Que Teseu herda um trono, mas decide aplicar uma certa forma de governo democrático. Com efeito, o sinecismo de Teseu, na *Vida*, aparece estreitamente unido à inauguração da democracia<sup>21</sup>. Plutarco esclarece, ao definir o projeto de Teseu, que “até então a população vivia dispersa pelo território e era difícil reuni-la em função do bem comum a todos os seus elementos. Acontecia mesmo entrarem em dissensões e guerras entre eles” (*Thest.* 24.1). Ele parece pôr em relevo que a harmonia na cidade e o bem estar de todos parecem ser os objetivos buscados. Para pôr em prática seu projeto, Teseu faz uso da palavra:

---

<sup>19</sup> Não trataremos da figura de Ariadne aqui, mas certo é que ela não chega a Atenas com Teseu. Plutarco dedica os capítulos 20-22 da *Vida de Teseu* às incongruências dos mitógrafos sobre o destino de Ariadne.

<sup>20</sup> Parece um esforço dos mitógrafos em procurar um motivo para o parricídio involuntário de Teseu; Pérez Jiménez *apud* Leão; Fialho (2008) 67, n. 75.

<sup>21</sup> Mas isso não ocorre somente na *Vida de Teseu*. Com efeito, há fontes bastante antigas que constroem esta imagem de Teseu democrata e unificador. O vínculo de Teseu com o sinecismo parece remontar a algum momento da época arcaica. Tucídides é o primeiro a mencionar Teseu sinecístico, mas o mito pode ter-se formado entre o fim do século viii e o início do século vii, quando se formaliza a *polis* ateniense; Valdés Guía (2009) 21-22.

Assim, Teseu foi ter com eles pessoalmente e foi persuadindo comunidade a comunidade, família a família, a fim de a todos conquistar para este seu projeto. Os homens comuns e os pobres depressa acolheram o seu apelo. Aos poderosos propunha-lhes um sistema de governo sem rei e uma democracia que viesse a recorrer a sua própria pessoa apenas como chefe militar e guardião das leis, e que em tudo o resto proporcionasse a todos igualdade de direitos (*Thest.* 24.2).

Três grandes ideias podem ser observadas nesta passagem: 1. O interesse geral, que é uma das grandes preocupações em um regime democrático, porquanto trata-se de trabalhar para o bem de todos. 2. A igualdade, um pressuposto básico da democracia, pois não pode haver membros frustrados no grupo, em detrimento de outros que não tenham do que se queixar. 3. É o começo da democracia, pois neste momento, trata-se de organizá-la (Teixeira 1995: 143). Mas há um detalhe que não pode escapar: nem todos foram persuadidos pelas palavras de Teseu: «Uns deixaram-se persuadir; outros, com receio do seu poder, que já era grande, e da sua audácia, entenderam ser preferível anuir a ter de ceder pela força» (*Thest.* 24.2). Aqui o saber fazer, expresso pelo uso da palavra, une-se ao poder fazer, manifesto pelo possível uso da força. Sendo como for, Teseu consegue unir os povos da Ática, e este é o fato de maior importância por ele realizado. Dito de outro modo,

É nesse episódio que o herói manifesta suas qualidades de ático, a saber, a exclusão da realeza e a adoção da democracia, em sua política cidadina, e ainda o uso da palavra para persuadir os líderes das tribos (...). Assim, na ótica de Plutarco, Teseu surge como uma síntese do povo grego, um ser híbrido, herdeiro de culturas complementares: de um lado, a capacidade guerreira dos peloponésios/espartanos e, de outro, a eloquência dos áticos/atenienses (Oliveira Silva 2009: 48).

De modo que Teseu não é mais um estrangeiro, e por conseguinte, uma figura perturbadora da ordem. Ele é o herói civilizador, que organiza a Ática, unindo os povos. Ele representa a dupla origem, materna, que é peloponésia e paterna, que é ática; sintetiza os contrastes que marcam sua trajetória, e só esta síntese permite que ele se torne este governante unificador. Teseu, assim como Hércules, é um herói que mostra a existência da violência na sociedade, e só alguém muito forte é capaz de conter esta violência (Oliveira Silva, *idem, ibidem*). Esta força, de certo modo, revela a filiação divina, mesmo que falsa, pois na infância, quando ingenuamente se acreditava filho de Poseidon, Teseu perseguia o exemplo de Hércules, este sim, filho de um deus. São estas matrizes, aliadas a toda a trajetória percorrida em busca do reconhecimento paterno, que finalmente se coadunam na figura do instaurador mítico da democracia ateniense.

Com efeito, a história de Teseu está ligada à democracia, ou mais propriamente falando, «à aventura da contingência que a democracia ateniense

conheceu» (Fialho 2008: 21). Não por acaso, em sua *Vida de Teseu*, Plutarco apresenta o herói primeiro como fundador (*oikistes*, *Thes.* 1.5) de Atenas, em paralelo a Rômulo, “pai da invencível e gloriosa Roma» (*Thes.*, 1.5). A comparação, dada pelo verbo grego *anthistemi*, usado originalmente em situações de guerra, parece indicar que Plutarco tenciona identificar o mais forte e valoroso dos dois, como ocorre em conflitos militares (Oliveira Silva 2009: 48). Evidentemente dos dois mitos fundadores postos em paralelo aqui, o do Rômulo denota a estabilidade de Roma, enquanto o de Teseu revela uma figura controversa, cujos traços biográficos refletem-se na sua obra. Teseu é o fundador de ritos, o libertador de caminhos, o matador de monstros. Sua coragem e valentia são manifestas, e sua inteligência esboçada em inúmeros episódios da biografia. Todavia, do momento em que assume o governo de Atenas até o fim da sua vida, o perfil do herói corajoso e inteligente vai cedendo lugar ao do herói desregrado, a quem a ruína advém de impulsos eróticos descontrolados. Raptos e estupro de mulheres, incluindo o rapto da criança Helena, permitem a Plutarco dizer que Teseu agia assim movido por prepotência e por luxúria (*Comp. Thes. Rom.* 6.2). Nesta parte final das *Vidas* de Teseu e Rômulo, onde Plutarco os compara, deve admitir que Rômulo também praticou tais atos, todavia, o problema de Teseu foi não ter sabido manter os laços do matrimônio, e nem sequer tratar o casamento como laço político importante para a manutenção da unidade e da força de um governo<sup>22</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Vida de Teseu*, de Plutarco, apresenta a trajetória do herói que é considerado o fundador da democracia ateniense. Este estudo deteve-se em comentar o percurso do herói, desde o nascimento, até o momento em que ele institui o sinecismo ateniense. Todavia, na primeira seção, insistiu-se no fato que o avô, Piteu, teria sido o responsável por provocar um nascimento contrário à vontade dos deuses.

Por isso, talvez, no terço restante da *Vida de Teseu*, que não se terá ocasião de estudar aqui, Plutarco mostre um outro aspecto do herói: Teseu vai pouco a

---

<sup>22</sup> «Na verdade, graças à prática dos casamentos mistos, os reis partilharam um mesmo governo e as estirpes uma única cidadania. Pelo contrário, os esposais de Teseu não trouxeram aos Atenienses nem amizades nem pactos de aliança com ninguém, mas antes ressentimentos e guerras, assassínios de cidadãos e, por último, a perda de Afidnas» (*Comp. Thes. Rom.* 6.5). Um tema interessante, que todavia não cabe ser desenvolvido aqui, é o do desregramento da alma de Teseu: «Ao *oikistes* fundador de ritos, libertador de caminhos e da juventude ateniense, falta a capacidade de exercício – *askesis* – da razão sobre a parte irracional da alma. Mesmo na grandeza de espírito que o leva a arrostar com o perigo percebe-se o componente impulsivo que o força a ceder a um prazer sob a forma de *eros* descontrolado – o que se converterá na causa da sua ruína. Plutarco assinala em mais de uma dezena as mulheres tomadas à força ou seduzidas e abandonadas por Teseu até ao clímax da sua *hybris* de *hedone*, atingido com o rapto de Helena ainda criança», Fialho (2002) 76.

pouco deixando o poder e o conhecimento adquiridos na juventude cederem lugar a um governante que não soube dar coesão à nova cidade. Teseu é levado pela correnteza de Eros, abandonando a cidade à própria sorte. Sua morte é simbólica: ele despenca de um precipício, como o pai.

O biógrafo tem, sem dúvida, a intenção de marcar a superioridade da monarquia romana, sobre a democracia ateniense. Não há como atestar aqui a hipótese de que o declínio de Teseu esteja ligado às circunstâncias do seu nascimento: pode estar conectado ao acaso, à fortuna, e às suas próprias ações. Mas bem pode ser a soma dessas componentes todas, incluindo a desobediência aos deuses, resultante da interpretação do oráculo. Fica, pois, aberta a questão.

## BIBLIOGRAFIA

- Calame, C. *Thésée et l'imaginaire athénien. Légende et culture em Grèce antique*, Lausanne, Payot, 1996.
- Detienne, M. «La grue et le labyrinthe»,. *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité* 95.2 (1983)541-553.
- Ferry, L. *A sabedoria dos mitos gregos. Aprender a viver II*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.
- Fialho, M. C. «Teseu em Plutarco à luz da tradição», in *Actas do congresso «Plutarco Educador da Europa»*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2002, pp. 67-79.
- Flacelière, R. «Sur quelques passages des *Vies* de Plutarque. I. Thésée-Romulus», *REG* 61 (1948) 67-103.
- Gantz, T. *Mythes de la Grèce archaïque*, [Tradução (inglês-francês): D. Auger & B. Leclercq-Neuveu], Paris, Belin, 2004.
- González, D. R. «Veneno simposiaco: envenenamiento en los banquetes en la obra plutarquea», in J. R. Ferreira, D. Leão, M. Tröster & P. B. Dias, (eds), *Symposion and Philanthropia in Plutarch*, Coimbra, Classica Digitalia, 2009, pp. 254-260.
- Hesíodo. *Os trabalhos e os dias*. [Tradução, introdução e comentários M. C. N. Lafer], São Paulo, Iluminuras, 2002.
- Oliveira Silva, M. A. «Construções discursivas: as biografias plutarquianas de Teseu e Licurgo». *Anos 90*, Porto Alegre, v. 16, n. 30 (2009) 45-60.
- Platão. *Eutidemo*. [Tradução de M. Iglésias], São Paulo, Loyola, 2011.
- Plutarco. *Vidas Paralelas. Teseu e Rómulo*. [Tradução do grego, introdução e notas D. F. Leão & M. do C. Fialho. Col. Classica Digitalia], Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.
- Plutarco. *Le vite di Teseo e di Romolo*. [Introdução, tradução e comentários C. Ampolo], Roma, Mondadori Ed., Fondazione Lorenzo Valla, 1993, 2ªed.
- Sourvinou-Inwood, C. «Le Minotaure et les autres. Images et perceptions», *Mètis. Anthropologie des mondes grecs anciens* 9-10 (1994) 227-235.
- Teixeira, E. «Démocratie et monarchie chez Plutarque», *DHA* 21.2 (1995) 139-146.
- Valdés Guía, M. «La recreación del pasado en el imaginario griego: el mito de Teseo y su utilización como fuente histórica», *DHA* 35.1 (2009) 11-40.
- Vernant, J.-P. «À la table des hommes. Mythe de fondation du sacrifice chez

Loraine Oliveira

Hésiode», in M. Detienne & J.-P. Vernant, *La Cuisine du sacrifice en pays grec*, Paris, Gallimard, 1979, pp. 37-132.

Walker, H. *Theseus and Athens*, Oxford, Oxford University Press, 1995.